

NOVO COMEÇO

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO*

*Professor universitário e membro do
Conselho Estadual de Cultura*

Ainda não encerrado de todo o lento processo de apuração, já se pode dizer que o nosso país ingressa em novo patamar de sua história política.

Depois de longos anos sem uma efetiva participação popular, vivemos um episódio que mexeu com a sociedade por inteiro.

Com a distensão segura, lenta e gradual iniciada no governo Geisel, o qual teve de superar as resistências de bolsões sinceros mas radicais, o Presidente da República pode prosseguir no seu compromisso de fazer deste país uma democracia.

Já foi dito diversas vezes que as eleições de novembro não representaram um fim em si mesmas. Marcaram, isto sim, o novo começo democrático, no ciclo famoso das sístoles e diástoles mencionado pelo General Golbery.

O fato básico, a merecer a atenção das lideranças emergentes das urnas, é a necessidade de assegurar a maturidade democrática para o futuro.

O corpo eleitoral revelou uma tendência política que deve ser levada na devida conta. O proselitismo radical, tanto à esquerda como a direita, não mereceram adesão da maioria do povo. O eleitorado preencheu a cédula eleitoral dando evidentes sinais de que deseja reconstruir o país com líderes moderados na sua pregação e nos seus atos. Ao mesmo tempo, em regiões importantes, como o nordeste e o centro-sul, o que se viu foi o esgotamento das mensagens extremistas. As vitórias do PDS, particularmente em Pernambuco e no Rio Grande do Sul,

assim como o seu fortalecimento no Rio de Janeiro, mostraram que a mudança desejada por setores substanciais da oposição, deve ser repensada ao nível da proposta política moderada.

Tancredo Neves e Franco Montoro assumem o mais robusto partido de oposição, que é o PMDB, um papel fundamental para assegurar a longevidade democrática. Ninguém tem dúvida de que a vitória de Tancredo Neves reafirma a sua liderança como estadista, capaz de constituir-se no interlocutor lúcido para assentar as bases da nova democracia brasileira. No PMDB, a sua linha deve prevalecer. E as primeiras declarações de Franco Montoro deixando de lado a propalada frente de governadores é um sintoma a ser lembrado.

Não sei até que ponto está sendo considerada a necessidade de revigorar a presença do PMDB, machucada, sem sombra de dúvida, pela derrota eleitoral no Rio de Janeiro. Se não está é bom que se comece a pensar nela. O triunfalismo pré-eleitoral do PMDB não ajudou a colocar os pés no chão daqueles mais afoitos. E sem um forte e maduro PMDB o país terá dificuldade de forjar interlocutores válidos e competentes para conduzir as eleições presidenciais de 84 - se possível, como desejado, pela via direta - em nível compatível com a realidade política que saiu das urnas de novembro.

Leonel Brizola afirmou em entrevista recente que a falta de maioria absoluta nas casas de representação auxiliará a convivência democrática. Provavelmente ele tem razão. O exercício do diálogo inteligente e da negociação lúcida será essencial. A partir de agora - e isto vem ao encontro da vontade do povo - nada de pacotes ou de decisões arbitrárias tomadas no hermetismo dos gabinetes.

É por essa razão mesma que os eleitos em novembro não podem esquecer que a campanha já terminou. A missão é trabalhar sério e duro. Se a democracia restabelecida não vier acompanhada de políticas substantivas que melhorem o nível de vida das populações, correrá o risco

de ser novamente interrompida. Resgatar a credibilidade do povo na classe política é relevantíssimo. E isso só será possível com ações eficazes.

Nos laboratórios universitários - e no tempo devido - serão feitas análises e estudos competentes, depois de conhecidos os dados finais. No presente cabe acelerar o encerramento das apurações e conhecer os rumos que os novos líderes vão efetivamente seguir. Não há lugar para hipóteses alarmistas. O país está maduro para respeitar o resultado das urnas e o Presidente da República tem dado testemunho pessoal do seu empenho em viver a prática democrática.

O tempo é de construção. As mágoas, os ressentimentos estão fora de moda. O povo que votou - ainda que com os percalços de uma legislação tendenciosa - quer ver muita ação. O povo votou por um novo começo.